

Neoliberalismo dos cartéis

O GLOBO

10 JUL 1992

JOSÉ SARNEY

A grande vulnerabilidade do velho liberalismo (pai do neoliberalismo) foi justamente a constatação de que as leis naturais do mercado que levariam a um equilíbrio, lutando por "maior lucro e menos esforço", simplesmente não funcionavam diante da formação de oligopólios, monopólios, cartéis e todas as formas de burlar a livre concorrência. Esta evidência foi o começo da intervenção do Estado na economia. O liberalismo, sem adjetivos, foi o responsável pelas instituições básicas do capitalismo e, por via de consequência, do intervencionismo que levou às diversas formas de um Estado forte.

A primeira etapa dessa reação foi de natureza econômica e teve uma característica de controlar os desvios de mercado. Posteriormente, surgiram outros objetivos além do Estado regulador, como o paternalista, distribuidor de riqueza e propugnador da justiça social. Com o fim

da ideologia comunista e o socialismo de Estado, foi ressuscitada a ideologia liberal, com um novo rótulo, o "neo", propugnando uma marcha a ré no intervencionismo. Mas nem por isso desaparece a necessidade de o Estado estar vigilante, não para acabar com as leis de mercado, mas justamente para evitar que elas sejam burladas.

Nos Estados Unidos este assunto sempre foi o mais importante, porque eles sabem que dele depende a sustentação da teoria capitalista. Eles não baixam a guarda na vigilância e na aplicação de leis fortes e efetivas. Nem por isso deixam de surgir todos os dias nas cortes denúncias de violações. Esta é uma luta que tem de ser efetiva e indormida.

No Brasil as coisas não são assim. O que mais existe são cartéis setoriais que funcionam à luz do dia e que burlam as leis de mercado, exploram a economia popular sem que tenhamos organismos eficazes de coibição ou de intimidação.

Agora, a coisa tende a piorar. Com as privatizações, estamos vendo que os mo-

nopólios do Estado estão sendo transferidos para iniciativa privada. Veja-se, como exemplo, o caso do aço, depois da Usiminas, da CSN, da Cosipa e de outras menores. As acusações não são de setores públicos nem de grupos ideológicos. A gritaria vem, exatamente, da área econômica consumidora de aço.

No Brasil, o que mais prejudica o mercado são os acordos de preços. Aqui, quem abre uma fábrica não vai se programar para vencer os concorrentes, mas, justamente, a primeira iniciativa é procurar os concorrentes para acertar os preços.

É uma selva e não temos nenhum organismo estatal que meta medo. Nunca o Cade tomou uma decisão que se conheça contra essas práticas. E não vamos dizer que é pelo fato de elas não existirem, porque, nos Estados Unidos, país de regras capitalistas muito mais efetivas que as nossas, diariamente existem punições e controle.

Os envolvidos na briga fazem revelações estarrecedoras que passam pela

nossa porta diariamente e nós não nos damos conta delas. Uma: os carros populares aumentaram em 55,62% desde julho de 1994! O presidente do Sindipeças, o sindicato dos fabricantes de peças, diz que o aumento atual vai elevar 7% a mais no valor dos carros.

Por outro lado, um dos proprietários da CSN afirma que o aumento é para "dar mais competitividade ao setor nacional" (!). Aqui, não é baixa de preços que provoca a competição, é a alta. O que causa espécie é que este aumento do preço do aço é geral, todos concertados. É um setor onde não existe competição. Enquanto isso, trombeteava-se que a privatização tinha sido uma maravilha, lucros e mais lucros, resultado da competência gerencial, aumento de produtividade e tudo mais.

E agora? O setor, em conjunto, afirma que precisa aumentar 12% para "competir", tem uma tarifa de proteção de 12% contra a invasão estrangeira, pois o aço no exterior custa R\$ 455 a tonelada FOB e aqui, R\$ 553. Mesmo assim, pagando uma

tarifa de importação de 12%, a Volkswagen já importa 20% do seu consumo. Onde está o milagre da privatização? Por outro lado, o sr. Paulo Butori, presidente do sindicato de peças, no alto de sua autoridade como líder classista, afirma: "Três pessoas manobram o aço no Brasil, o que configura oligopólio." E o Cade, o que faz diante dessa denúncia?

Mas seria injustiça ficar apenas no aço, questão que surgiu porque a briga foi para os jornais, uma vez que os compradores de aço botaram a boca no mundo. Outro setor que diariamente está recebendo queixas de toda a população é o setor de remédios. Os laboratórios aumentaram seus preços de janeiro a julho em valores que variam, em média, de 9,57% a 108,9%!

Assim, parece que a estabilização monetária somente está valendo para o bolso do povo que é quem paga como comprador final.

JOSÉ SARNEY é senador pelo Amapá.